

Percepções e saberes das árvores: imagens e narrativas do povo Kariri-Xocó

Ana Carolina S. Oliveira*, Alik Wunder e Antônio Carlos Amorim

Resumo

A pesquisa se desenvolveu com o grupo indígena Sabuká Kariri-Xocó, em sua passagem pela cidade de Campinas em maio de 2017 e maio de 2018. O grupo Sabuká é formado por 10 integrantes que realizam há 15 anos trabalhos educacionais em vários estados do Brasil. A pesquisa envolveu a realização de entrevistas e oficina de criação de imagens com o grupo com o objetivo de ouvir suas memórias, saberes e percepções sobre as árvores.

Palavras-chave:

imagem, percepções, indígenas

Introdução

Os Kariri-Xocó vivem na aldeia Porto Real do Colégio (AL) e realizam anualmente trabalhos fora da aldeia para divulgação de sua cultura. O encontro com os indígenas Kariri-Xocó é uma busca por outras raízes para pensar e de um entendimento mais profundo sobre a relação das pessoas com a natureza. Em meu atual processo de formação como bióloga tenho tido contato com um modo de relação com a natureza pelo viés da ciência. Penso que a ampliação do olhar pela lógica das ciências naturais é importante, mas não suficiente para nos compreendermos como seres reconhecedores e criadores de sentidos.

Os microscópios, as lupas e demais aparelhos óticos nos aumentam a possibilidade de ver, no entanto a relação de distanciamento entre homem e natureza, se mantém. A potencialidade do encontro com a natureza como outro e a produção de sentidos que se dá nesta alteridade é minha fronteira e contorno. Início um percurso olhando para as plantas, em especial para as árvores, enormes em sua disposição de encantos. Coloco-me à sombra de uma delas para encontrar os Kariri-Xocó.

Resultados e Discussão

Para pensar o pensamento nativo ouvimos, é preciso ouvir.

"Coisa boa se não contar logo eu me esqueço.. Às vezes eu me acordo até de madrugada, e vou lá, me sento e conto.. Pawanã viu quando eu fui ali no pé-de-pau, fiquei preocupada, fui lá e contei. Chego lá pro pé de pau e vou contar, pra coisa ruim não acontecer, eu conto de voz alta, conversando."¹

Em nossa oficina-encontro logo fomos reconhecidas: "e vocês é o tipo que estuda né? vai estudar ela [planta]"¹, esse dizer quem somos marca a diferença e partindo da diferença, de um outro "tipo", outra perspectiva, é que elas e eles nos contaram de sua percepção das árvores, "nossa experiência com a terra, com as árvores tá aí..."¹.

As plantas permeiam a vida, e entre as outras vidas da aldeia passam a existir de forma relacional, não absoluta, nesses movimentos de troca. É tanto sujeito quanto objeto das relações, pode escutar o sonho e interceder entre os homens, e é das folhas de coité que se faz chá e do fruto que brotam as maracas.

"O que acontece quando se leva o pensamento nativo a sério? Quando o propósito do antropólogo deixa de ser o de explicar, interpretar, contextualizar, racionalizar esse pensamento, e passa a ser o de utilizar, tirar suas conseqüências, verificar os efeitos que ele pode produzir no nosso? O que é pensar o pensamento nativo?"²

São essas questões que antes de respostas suscitam um modo de estar, um corpo que pensa contendo essas perguntas num mergulho decidido em pensar o pensamento nativo, esse corpo antropólogo.

Corpo antropólogo serpenteia fronteiras, observa vincos e rachaduras no terreno de encontro. E tem o alívio de se saber não-só, deparada a fronteira segue o caminho...que o terreno de nossas manifestações de vida é fértil.

Nesse viés de mundo e enquanto moradores, nós experimentamos a casa não como objeto, mas como coisa³. Seguindo esse passo coisificante do mundo ele se torna poroso e preenchido por sentidos, é um algo deformado e deformante que só existe na nossa relação com o mundo-coisa.

"O mundo das planta.. é um mundo poderoso"¹

Conclusão

As memórias também encontraram sons e cores para árvores, os pés de árvore contam música, "dão o rojão" que ouvimos enquanto desenhavam as árvores e despertava a saudade de casa, das ervas, dos pés-de-pau no quintal.

Os fios da memória foram se conectando em rede, em tecido e território de sentidos.

Agradecimentos

Agradecemos a Pawana Crodi, Yaru Tinga, Valdete Tinga, Suinara Tinga, Nary Tinga, Kaian Tinga e Kaoni Tinga, Kajabi Tinga, Dirã Tinga por suas memórias e desenhos. Ao CNPQ pela bolsa de Iniciação Científica.

1 - Transcrição do encontro-oficina realizado em maio de 2017 com o grupo Sabuká Kariri-Xocó no espaço Cultural Casarão.

2 - Viveiros de Castro, Eduardo. "O nativo relativo." *Mana* 8.1 (2002): 113-148.

3 - Ingold, Tim. "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais." *Horizontes antropológicos* 18.37 (2012): 25-44.